Recebido em: **15/3/2010** Emitido parece em: **5/4/2010** **Artigo original**

PRECONCEITO DE GÊNERO: A VISÃO DAS ATLETAS DE FUTSAL FEMININO

Heidi Jancer Ferreira, José Geraldo do Carmo Salles, Douglas Alexandre Sousa, Nayara Clara Lopes Moreira, Jaqueline Cardoso Zeferino

RESUMO

O presente artigo pretende apresentar a visão de atletas de futsal feminino a respeito da presença de preconceitos e discriminações que incidem sobre a prática esportiva feminina, a partir de dados coletados em duas edições dos Jogos do Interior de Minas (JIMI) nos anos de 1997 e 2008. As atletas responderam a um questionário fechado, aplicado na fase final dos JIMI. A amostra foi composta por 119 atletas, cuja faixa etária variou entre 16 e 30 anos. 57 das participantes responderam ao questionário no ano de 1997, e 62, em 2008. Os resultados encontrados apontam que as conquistas das mulheres nos esportes levaram à ruptura de alguns tabus existentes e à flexibilização do preconceito sobre a prática esportiva feminina. Contudo, os dados também revelaram um aumento no número de mulheres que acreditam que existe uma relação estreita entre esporte, masculinização do corpo e homossexualidade.

Palavras-chave: Esporte feminino, gênero, preconceito, atletas de futsal.

GENDER DISCRIMINATION: THE VIEW OF ATHLETES OF WOMEN'S INDOOR FOOTBALL

ABSTRACT

This paper aims at presenting the view of athletes of women's indoor football about prejudice and discrimination towards female sports practice, based on data collected in two editions of the Jogos do Interior de Minas (JIMI), in the years of 1997 and 2008. The athletes answered a closed ended questionnaire administered in the finals of the JIMI. The corpus was formed by 119 athletes from 16 to 30 years of age. 57 participants answered the questionnaire in the year of 1997 and 62 in 2008. The results of the analysis suggest that women's achievements in sports led them to a state of rupture of taboos and of discouragement of prejudice against female sports practice. Nevertheless, the data also suggests an increase in the number of women who believe sports, masculinization of body form and homosexuality have a strong connection.

Keywords: Women's sport, gender, discrimination, indoor football athletes.

INTRODUÇÃO

A trajetória das mulheres no esporte foi marcada pela discriminação e luta em busca de espaço. O público feminino enfrentou preconceito e proibições para entrar no mundo esportivo, o qual, desde seu surgimento, tem sido predominantemente masculino. Aliás, o esporte, em sua gênese, foi criado pelos homens e para os homens.

Desde o ressurgimento dos Jogos Olímpicos em 1896, as mulheres tiveram uma participação muito limitada, marcada por obstáculos e críticas ao seu envolvimento nos esportes de competição (PFISTER, 2004). Devide (2002) sugere que as limitações à participação feminina nos Jogos podem ser explicadas pela complexa conexão entre o seu corpo e a identidade socialmente construída sobre ele.

No contexto nacional, esse quadro de preconceito em relação ao esporte feminino não foi diferente. Em 1965, o Conselho Nacional de Desportos deliberou: "Não é permitida a prática de lutas de qualquer natureza, futebol, futebol de salão, futebol de praia, polo aquático, polo, rugby, halterofilismo e baseball" (BRASIL - Deliberação nº 07 de 1965).

Intervenções como essa surgiram do receio de alguns membros da sociedade de que a mulher perdesse a sua característica feminina, que era determinada principalmente por sua aparência meiga, delicada e sensual. Havia, no entanto, uma preocupação de que certas modalidades masculinizassem a mulher, tanto no tocante ao caráter e sexualidade, quanto na aparência e no jeito feminino de ser.

Segundo Goellner (2005), essa proibição baseava sua argumentação na ideia de proteção da integridade física da mulher e proteção da sua fertilidade.

Somente em 1996, um século após o ressurgimento dos Jogos Olímpicos Modernos, foi permitido que as mulheres disputassem o futebol e softbol (CARVALHO, 2002; DEVIDE, 2002). O futsal teve sua origem por volta de 1930, mas só em 1983, a Federação Internacional de Futebol de Salão (FIFUSA) autorizou a prática do esporte pelas mulheres. Na prática do futebol e futsal, elas enfrentaram de forma mais intensa dois tipos de preconceitos: primeiro que, as diferenças biológicas existentes as colocavam como inferiores aos homens na performance físico-desportiva; e segundo, a ideia de que o esporte masculinizava o corpo feminino, rotulando as atletas como "anormais" (FESTLE, 1996 *apud* PAIM, 2004).

Atualmente, as mulheres têm participado ativamente dos esportes, estando presentes cada vez mais em atividades antes consideradas exclusivamente masculinas. Entretanto, o preconceito de gênero ainda consiste em uma das grandes dificuldades enfrentadas por elas para praticarem esportes, principalmente pelas praticantes de futebol e futsal. Por se caracterizarem pelo intenso contato físico e serem consideradas ainda como esportes masculinos, essas modalidades constituem os maiores alvos do preconceito e da discriminação.

Nessa perspectiva, o presente artigo pretende apresentar a visão das próprias atletas a respeito da presença de preconceitos e discriminações que incidem sobre a prática esportiva feminina, além de estabelecer uma comparação entre os dados encontrados em duas edições dos Jogos do Interior de Minas – JIMI (1997 e 2008). O JIMI consiste no evento esportivo amador de maior repercussão no Estado de Minas Gerais. Trata-se da maior e mais tradicional competição promovida pelo Governo do Estado, reunindo milhares de atletas de centenas de cidades.

DESCRIÇÃO METODOLÓGICA

Os dados desse estudo foram coletados na fase final dos Jogos do Interior de Minas, realizados nas cidades de Governador Valadares (1997) e Ipatinga (2008).

Foram aplicados questionários às atletas do sexo feminino, praticantes das modalidades de futsal, voleibol, basquetebol e handebol.

O questionário utilizado foi composto por três partes, dentre questões abertas e fechadas. A primeira parte visava saber o perfil das atletas; a segunda, as dificuldades enfrentadas por elas para praticar esportes; e a terceira pretendia conhecer a visão das informantes a respeito de preconceitos e tabus presentes na sociedade sobre a prática desportiva feminina.

Entretanto, nesse artigo, vamos nos ater aos resultados obtidos pelas atletas de futsal referentes à terceira parte do questionário aplicado.

AMOSTRA E DESCRIÇÃO DOS RESULTADOS

A amostra deste estudo foi composta por 119 atletas praticantes de futsal, sendo que 57 responderam o questionário no ano de 1997 e 62, em 2008. A faixa etária predominante entre as informantes foi de 16 a 30 anos.

No questionário aplicado havia quinze sentenças sobre esporte e gênero. Assim, a atleta deveria declarar se discordava totalmente, discordava em parte, estava em dúvida, concordava em parte ou se concordava totalmente. As tabelas seguintes apresentam a distribuição dos julgamentos das atletas em relação a essas sentenças.

Tabela 1. Existe esporte que deveria ser jogado só pelo sexo masculino.

	JIMI 1997	JIMI 2008
Discordo totalmente	71%	94%
Discordo em parte	12%	5%
Estou em dúvida	2%	2%
Concordo em parte	7%	0%
Concordo totalmente	8%	0%

Fonte: dados da pesquisa.

No intervalo de onze anos dessa análise houve um aumento em 23% das atletas que discordam que existe esporte que deveria ser jogado somente por homens (Tabela 1). Concomitantemente, zerou a fração daquelas que concordavam com tal afirmativa. Essa mudança na visão das atletas pode ser um reflexo das conquistas femininas, como no programa olímpico, com a estreia em alguns esportes que antes a prática era permitida somente aos homens. Por exemplo, tem-se o levantamento de peso, pentatlo moderno, polo aquático, taekwondo e triatlo, os quais foram incluídos nos Jogos Olímpicos de 2000. Ainda hoje, esportes como o boxe, a luta greco-romana e o decatlo são exclusivamente masculinos (CARVALHO, 2002).

Tabela 2. Alguns esportes prejudicam a formação do físico feminino.

	JIMI 1997	JIMI 2008
Discordo totalmente	39%	48%
Discordo em parte	17%	29%
Estou em dúvida	7%	2%
Concordo em parte	31%	18%
Concordo totalmente	7%	3%

Fonte: dados da pesquisa.

Através da Tabela 2, pode-se observar que algumas atletas estabeleceram uma relação de comprometimento do físico feminino com alguns esportes. Uma parcela de 18% das atletas respondeu que concorda em parte e 3%, que concorda totalmente.

Tabela 3. A mulher perde suas características femininas se ela jogar esportes rudes.

	JIMI 1997	JIMI 2008
Discordo totalmente	64%	55%
Discordo em parte	22%	27%
Estou em dúvida	2%	3%
Concordo em parte	12%	15%
Concordo totalmente	0%	0%

Fonte: dados da pesquisa.

Na Tabela 3, visualiza-se que em 1997, 64% das atletas acreditavam que a mulher não perde suas características femininas ao jogar esportes rudes. Em 2008, esse percentual caiu em 7%. É possível que, anteriormente, as atletas apresentavam uma preocupação maior em manter intacta a feminilidade e a beleza dentro e fora das quadras e campos, mesmo porque esse era um requisito para melhor aceitação delas no esporte e chegava a ser até um critério de seleção em algumas equipes brasileiras. Atualmente, diante das várias conquistas esportivas femininas e da exibição das habilidades físicas das atletas, esse comportamento não está mais tão evidente. A preocupação com a imagem parece ter reduzido, levando às próprias atletas a acreditarem que esportes rudes podem afetar as características femininas da mulher.

Tabela 4. A mulher é mais frágil do que o homem no que diz respeito à possibilidade esportiva.

	JIMI 1997	JIMI 2008
Discordo totalmente	31%	35%
Discordo em parte	10%	29%
Estou em dúvida	9%	3%
Concordo em parte	24%	26%
Concordo totalmente	26%	6%

Fonte: dados da pesquisa.

Através da Tabela 4, verifica-se que diminuiu em 20% a parcela de atletas que concordavam totalmente com essa afirmação. Ou seja, há mais de uma década atrás, um maior número de mulheres se via mais frágil que os homens no esporte. Essa mudança pode estar associada às demonstrações de atletas de alto nível de competitividade e superação, provando que elas podem praticar as mesmas modalidades que os homens e obter êxito. É o que provam as medalhas de prata e bronze no voleibol de areia e bronze no basquete e no voleibol dos Jogos Olímpicos de 2000; medalhas de prata no voleibol de areia e no futebol dos Jogos Olímpicos de 2004; medalhas de ouro no voleibol, prata no futebol e bronze no judô, taekwondo e vela nos Jogos Olímpicos de 2008 (COB, 2009). Contudo, parece que as informantes levaram em consideração a diferença biológica existente entre os sexos, aumentando o percentual daquelas que discordam em parte de 10% para 29%.

Tabela 5. A mulher que pratica esporte tende a ficar mais masculinizada.

	JIMI 1997	JIMI 2008
Discordo totalmente	62%	58%
Discordo em parte	9%	26%
Estou em dúvida	5%	2%
Concordo em parte	19%	15%
Concordo totalmente	5%	0%

Fonte: dados da pesquisa.

Em 1997, 62% das informantes discordavam totalmente de que a mulher que pratica esporte tende a ficar mais masculinizada (Tabela 5). Em 2008, esse percentual caiu para 58%. Pode-se notar que aumentou o número de atletas que discordam em parte dessa ideia, de 9% para 26%. Infere-se que em 2008, as informantes passaram a ter uma visão de que o esporte, em geral, não afeta a feminilidade, mas que, em algumas modalidades específicas, a mulher pode apresentar maior tendência para masculinização. Dentre essas modalidades, provavelmente se incluem o próprio futsal, futebol e lutas, que estão dentre as mais rotuladas.

Tabela 6. A família prefere que as filhas não pratiquem esportes considerados masculinos.

	JIMI 1997	JIMI 2008
Discordo totalmente	33%	39%
Discordo em parte	12%	16%
Estou em dúvida	2%	5%
Concordo em parte	39%	31%
Concordo totalmente	14%	10%

Fonte: dados da pesquisa.

Observa-se na Tabela 6 que, de acordo com a grande parcela de atletas que escolheram a opção “concordo em parte” nas duas edições, ainda existe um preconceito dos próprios familiares em relação à prática de alguns esportes, como o futebol, futsal e lutas, tidos como masculinos.

Tabela 7. As mulheres que jogam futebol são consideradas de tendência homossexual.

	JIMI 1997	JIMI 2008
Discordo totalmente	72%	21%
Discordo em parte	7%	35%
Estou em dúvida	4%	3%
Concordo em parte	14%	32%
Concordo totalmente	4%	8%

Fonte: dados da pesquisa.

Os números apresentados na Tabela 7 são bastante inquietantes, uma vez que são respostas das próprias praticantes de futsal (similar ao futebol). Eles apontam uma diminuição em 51% do percentual de atletas que discordam totalmente que as mulheres que jogam futebol são consideradas de tendência homossexual. Ao passo que aumentou de 8% para 14% daquelas que concordam totalmente com a afirmação. Essas alterações nos mostram que, atualmente, as mulheres se dizem mais rotuladas que há onze anos.

Com o avanço da participação da mulher do esporte, esperava-se uma flexibilização do preconceito, e não o contrário. As atletas de futebol não têm melhor aceitação hoje? Será que as mulheres homossexuais se tornaram mais visíveis à sociedade, provocando o aumento da rotulação?

Com a maior liberdade de expressão do corpo e da sexualidade nas últimas décadas, as mulheres não necessitam, como antes, de conter seu comportamento preferencial. E talvez, por essa questão ser um direito de expressão promulgado na Constituição Federal, elas se coloquem mais à vontade em qualquer espaço. Dessa forma, elas se tornaram mais presentes e evidentes aos olhos da estrutura social, fortalecendo esse estereótipo de que ser atleta de futsal/futebol implica em ser homossexual.

Tabela 8. A sociedade desvaloriza a mulher que pratica esporte.

	JIMI 1997	JIMI 2008
Discordo totalmente	32%	45%
Discordo em parte	21%	15%
Estou em dúvida	7%	2%
Concordo em parte	26%	35%
Concordo totalmente	14%	3%

Fonte: dados da pesquisa.

Os números apresentados na Tabela 8 nos permitem inferir que as atletas de hoje se sentem menos desvalorizadas pela sociedade que aquelas de uma década atrás. Essa mudança vem a reafirmar a evolução da participação feminina no mundo esportivo.

Tabela 9. Lugar de mulher não é nas quadras de esporte.

	JIMI 1997	JIMI 2008
Discordo totalmente	96%	100%
Discordo em parte	2%	0%
Estou em dúvida	0%	0%
Concordo em parte	0%	0%
Concordo totalmente	2%	0%

Fonte: dados da pesquisa.

Pelos dados acima (Tabela 9) pode-se constatar que, em número absoluto, as mulheres acreditam que elas podem e devem estar inseridas no contexto esportivo.

Tabela 10. O esporte-competição prejudica a função maternal da mulher.

	JIMI 1997	JIMI 2008
Discordo totalmente	61%	76%
Discordo em parte	4%	19%
Estou em dúvida	12%	3%
Concordo em parte	19%	2%
Concordo totalmente	4%	0%

Fonte: dados da pesquisa.

Por meio da Tabela 10 é possível dizer que a maioria das atletas acredita que o esporte não prejudica a função maternal da mulher. Porém, uma parcela de 19% discorda em parte. Provavelmente, essas informantes levaram em consideração a dificuldade de conciliar o tempo de treinamento e competição com o tempo dedicado aos filhos.

Tabela 11. O futebol é um esporte mais aconselhável aos homens e o voleibol mais aconselhável às mulheres.

	JIMI 1997	JIMI 2008
Discordo totalmente	86%	85%
Discordo em parte	0%	5%
Estou em dúvida	0%	2%
Concordo em parte	11%	6%
Concordo totalmente	4%	2%

Fonte: dados da pesquisa.

O futebol feminino teve sua estreia nos Jogos Olímpicos em 1996. Com isso, houve uma maior visualização e difusão do esporte, o que influenciou muitas mulheres a praticá-lo e a considerá-lo como uma modalidade também possível para elas.

Tabela 12. A mulher não consegue realizar os mesmos trabalhos físicos que o homem.

	JIMI 1997	JIMI 2008
Discordo totalmente	25%	21%
Discordo em parte	25%	34%
Estou em dúvida	2%	2%
Concordo em parte	33%	40%
Concordo totalmente	16%	3%

Fonte: dados da pesquisa.

Os dados demonstrados na Tabela 12 indicam que as próprias mulheres admitem não realizar os mesmos trabalhos físicos que os homens. Supõe-se que essa resposta não se refere à uma inferioridade declarada, mas sim à consideração da diferença biológica que existe entre o homem e a mulher.

Tabela 13. O homem não gosta que sua namorada/mulher pratique esportes de contato físico.

	JIMI 1997	JIMI 2008
Discordo totalmente	35%	35%
Discordo em parte	18%	29%
Estou em dúvida	11%	2%
Concordo em parte	26%	32%
Concordo totalmente	11%	2%

Fonte: dados da pesquisa.

A Tabela 13 apresenta uma distribuição bem homogênea entre as opções “discordo totalmente”, “discordo em parte” e “concordo em parte”. Possivelmente, por se tratar de uma questão que a atleta responde com base na sua vida pessoal, os dados variaram bastante.

Tabela 14. A mulher que pratica esporte considerado masculino tem dificuldades de conseguir namorado.

	JIMI 1997	JIMI 2008
Discordo totalmente	82%	90%
Discordo em parte	2%	8%
Estou em dúvida	2%	0%
Concordo em parte	11%	2%
Concordo totalmente	4%	0%

Fonte: dados da pesquisa.

Pela Tabela 14 constata-se que tanto em 1997 como em 2008, a grande maioria das informantes discorda totalmente de que a mulher/atleta tem dificuldade em conseguir namorado. Reafirmando essa visão, zerou o percentual daquelas que concordavam totalmente.

Tabela 15. A educação física escolar exclui a possibilidade de prática feminina em algumas modalidades.

	JIMI 1997	JIMI 2008
Discordo totalmente	47%	52%
Discordo em parte	11%	15%
Estou em dúvida	4%	3%
Concordo em parte	12%	23%
Concordo totalmente	26%	8%

Fonte: dados da pesquisa.

As alterações percentuais apresentadas na Tabela 15 apontam que hoje, a educação física escolar exclui menos a prática feminina em algumas modalidades do que há onze anos. Como demonstrado, aumentou em 5% as atletas que discordam totalmente da frase, ao passo que reduziu em 18% aquelas que concordam totalmente. Possivelmente, as reflexões feitas no âmbito escolar levaram a uma maior democratização do envolvimento das meninas nas aulas. Sabe-se que algumas modalidades ainda se encontram excluídas do conteúdo escolar, no entanto, as existentes, são praticadas tanto pelos meninos quanto pelas meninas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Desde a inserção das mulheres no esporte, elas vêm alcançando muitas conquistas e provocando grandes mudanças para efetivar a sua participação ativa no mundo esportivo. Atualmente, a presença delas em competições já é equivalente à dos homens. Mas ainda existem reflexos deixados por esse processo conflituoso, de proibições e preconceitos, que incidiram sobre a prática esportiva feminina.

Por meio dos resultados descritos, foi possível inferir que, ao longo desses onze anos, com a evolução do esporte feminino, houve uma flexibilização ou até mesmo ruptura de alguns tabus presentes na sociedade. Tabus como: o futebol é só para homens, o esporte pode prejudicar a função maternal e que lugar de mulher não é nas quadras de esportes.

Entretanto, ocorreu uma mudança na visão das atletas no que diz respeito à questão da masculinização da mulher em função do esporte. Percebeu-se que as atletas atuais acreditam que alguns tipos específicos de esportes, como o próprio futsal, futebol e lutas em geral, tendem a diminuir as características femininas das atletas. Outro achado curioso consiste no maior número de atletas que

acreditam que hoje as praticantes de futebol são mais rotuladas de tendência homossexual que há onze anos.

Sugere-se que as mudanças na liberdade de expressão corporal nos últimos anos, como a menor exigência do indivíduo em conter comportamentos considerados anormais pela sociedade, possa ter influenciado essa nova visão das informantes. A maior exposição do corpo homossexual em todos os espaços sociais – no esporte ainda mais visível por representar para muitos, entre atletas e espectadores, um ambiente de catarse –, pode ter sido determinante para que as informantes relacionassem a masculinização do corpo e a homossexualidade ao esporte. Contudo, esses dados suscitam maiores investigações para compreender o porquê dessas respostas e sobre as relações complexas atuais entre corpo, gênero e esporte.

REFERÊNCIAS

BRASIL. **Conselho Nacional de Desportos**. Deliberação nº 07 de 1965. Brasília – DF.

CARVALHO, A. M. J. de. A participação feminina nos Jogos Olímpicos. In: TURINI, M.; DACOSTA, L. (Orgs.). **Coletânea de textos em Estudos Olímpicos**. V.2. Fórum Olímpico. Rio de Janeiro: Gama Filho, 2002. p.181-192.

COMITÊ OLÍMPICO BASILEIRO.(COB) **O Brasil nos Jogos.** Disponível em: <http://www.cob.org.br/brasil_jogos/home.asp>. Acesso em: 15 ago. 2009.

DEVIDE, F. P. História das mulheres nos Jogos Olímpicos Modernos. In: TURINI, M.; DACOSTA, L. (Orgs.). **Coletânea de textos em Estudos Olímpicos**. v.2. Fórum Olímpico. Rio de Janeiro: Gama Filho, 2002. p.291- 321.

GOELLNER, S. V. Mulheres e futebol no Brasil: entre sombras e visibilidades. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte.** São Paulo, v.19, n.2, p.143-15, abr./jun., 2005.

PAIM, M. C. C. Visões estereotipadas sobre a mulher no esporte. **Lectures Educación Física y Deportes**. ano 10 , n. 75. Buenos Aires, 2004. Disponível em: <http://www.efdeportes.com>. Acesso em: 02 maio 2009.

PFISTER, G. As mulheres e os Jogos Olímpicos: 1900-97. In: DRINKWATER, B. L. **Mulheres no esporte**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2004. p.3-15.

Universidade Federal de Viçosa - UFV

Apoio: FAPEMIG

Rua dos estudantes, 90/32
Viçosa/MG